

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DO PAPEL DO PROFESSOR E A DIVERSIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Natan Martins Borduam Cândido (UniREDENTOR)

martinsborduam@gmail.com

Sinthia Moreira Silva (UENF)

sinthia_moreira@hotmail.com

RESUMO

Todos os seres vivos exigem passar por períodos de adaptações para se manterem vivos. De igual modo, o ensino da língua portuguesa como língua materna vem exigindo uma postura diferente por parte dos educadores. Logo, muitos métodos de ensino tradicionais se apresentarão ineficazes em um futuro próximo, devido ao crescente avanço da tecnologia e ao pouco avanço de sua exploração em sala de aula. Portanto, muito se tem a transformar com as contribuições da sociolinguística. Este trabalho objetiva analisar as contribuições que a sociolinguística traz para o ensino de língua portuguesa e o papel do professor para atuar diante desse contexto escolar, formado por variantes de gêneros e línguas, com a intenção de promover um enriquecimento cultural sem que haja preconceito linguístico. Para sua construção, realizou-se pesquisa bibliográfica, baseada em livros e artigos científicos, composta de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. A partir das informações apuradas pode-se concluir que ainda é possível afirmar que a escola não reconhece por completo a realidade heterogênea da língua e ainda se atenta apenas à propagação da língua cultivada pela tradição gramatical.

Palavras-chave:

Ensino. Contribuições da sociolinguística. Diversidade no contexto escolar.

ABSTRACT

All living beings are required to go through periods of adaptation to keep themselves alive. In the same way, the teaching of Portuguese as a native language has been demanding a different attitude from educators. Therefore, many traditional teaching methods will be proven ineffective in the near future, due to the increasing advancement of technology and the little progress in its exploration in the classroom. Therefore, much has to be changed with the contributions of Sociolinguistics. This work aims to analyze the contributions that Sociolinguistics brings to the teaching of Portuguese language and the role of the teacher to act in this school context, formed by variants of genres and languages, with the intention of promoting cultural enrichment without linguistic prejudice. For its construction, bibliographical research was carried out, based on books and scientific articles composed of theoretical sources that support the search for answers on the approached theme. Based on the information obtained, it can be concluded that it is still possible to state that the school does not fully recognize the heterogeneous reality of the language and is still only paying attention to the propagation of the language cultivated by the grammatical tradition.

Keywords:
Contributions from Sociolinguistics. Teaching. Diversity in the school context.

1. Introdução

A comunicação é um recurso que os seres racionais desenvolveram ao longo do tempo para que pudessem se relacionar com a natureza, para ordenar linhas de defesa contra dos predadores e ameaças nos primórdios e relacionar-se com outros indivíduos formando grupos, até chegar às civilizações modernas.

Entende-se por “comunicação” todas as interações e expressões que podem ser interpretadas vindas de fora (ambientes externos/seres vivos do meio inserido), fazendo com que as expressões/mensagens também sejam interpretadas, ou melhor dizendo, decodificadas, para que assim haja interações em seu meio.

Com o avanço das civilizações humanas, as formas de comunicação foram sofrendo modificações e aprimoramentos, dando origem às linguagens e línguas. Sendo assim, a linguagem pode ser definida como toda e qualquer forma de expressão com a intenção de transmitir alguma mensagem, uma vez que os meios de linguagem podem se manifestar de forma escrita, oral, por sinais, símbolos, entre outros.

Alguns historiadores acreditam que as línguas que conhecemos hoje foram diferenciadas de outras línguas primitivas originadas em tempos remotos, pelo evento ocorrido na Torre de Babel, narrado pela Bíblia. Já outros afirmam que as línguas foram surgindo de acordo que os seres humanos foram habitando e dominando espaços no globo. Independentemente dos posicionamentos, não se pode negar que com o passar do tempo alterações vão acontecendo, alterações levando em alguns casos à “morte” de algumas línguas e ao nascimento de outras.

Ao ouvir, falar e escrever o português como conhecemos hoje no Brasil, percebe-se grandes diferenças entre o português primitivo (português arcaico) originado do latim vulgar, o de Portugal e o português brasileiro, isto porque o português do Brasil sofreu grandes influências das línguas indígenas dos troncos tupy e guarani, com maior predominância em todo território. Porém, alguns estados mais ao Norte sofrem também a influência de outras, como yanomami, tikuna e

xavante. Apesar de possuir uma língua unificada, ao mesmo tempo o País possui expressões diferentes, além de ela ser rica em suas variações.

Sendo assim, em vista das diferenças de culturas e expressões em algumas regiões brasileiras, os professores em salas de aula possuem em grande desafio em relação ao ensino da língua, pois tal tarefa exige didática, atualização e formas de ensino diferentes das que já vêm sendo utilizadas, pois se faz necessária uma maior familiaridade do aluno com as demais culturas presentes no país, além de uma necessidade em se adquirir conhecimento de uma forma mais tranquila e equilibrada.

2. A variação linguística no contexto educacional

É sabido que linguagem e sociedade não se separam, visto que a espécie humana habita em um mundo no qual as pessoas se organizam em comunidades e que existe uma única forma de comunicação oral para todos: a língua. A junção desses dois conceitos forma o que hoje é chamado de Sociolinguística. Essa subárea linguística trata, justamente, dessa relação que existe entre linguagem, sociedade e cultura, assim como expõe Alkmim (2008), quando expõe que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, escrita, observada e analisada dentro de um contexto social e em suas situações de uso e que cada comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes formas de se comunicar. De acordo com o autor, foi a partir dessas questões surgiu o termo “variação linguística”.

É perceptível, nesse contexto, que toda a responsabilidade recai sobre o docente ao ensinar a língua materna, levando em consideração toda essa norma obrigatória, mas com o olhar voltado também para as variações. Logo, seu papel como influenciador e mediador se torna essencial na vida dos educandos.

Tendo em vista essas questões relevantes, Camacho (2008) expõe uma possível solução, de acordo com seu ponto de vista, em relação ao ensino de língua materna. Para ele, é preciso conscientizar o aluno de que existe uma norma padrão, mas o que é, de fato, importante é saber adequar a sua fala aos diferentes contextos e às circunstâncias do processo de comunicação.

Sendo assim, devido a essa diversidade de culturas e regiões que o país possui, é gerada uma variação linguística que cada professor encontra no ambiente escolar, no qual se tem vários tipos de alunos e de

diversos lugares que trazem consigo a herança familiar, que também influencia na linguagem de cada educando.

Denomina-se “variação linguística” os vários usos que os falantes utilizam de uma mesma língua, e essas variações decorrem de vários fatores, sejam eles regionais, culturais, históricos, sociais e outros. Segundo Antunes (2009), essas variadas formas que a língua assume, dentro de uma sociedade, é decorrente da indissociabilidade de quatro realidades, que são: língua, cultura, identidade e povo. Portanto, considera-se a língua o reflexo da trajetória histórica de uma sociedade. Bortoni-Ricardo (2000) acrescenta que o ensino da língua na escola é norteado por questões culturais, visando a fortalecer o uso da linguagem prestigiada pela sociedade, enfatizando, dessa forma, o ensino da gramática normativa.

Quando a escola se atém somente ao ensino da língua considerada padrão (modelo tradicional), acaba julgando serem erradas certas pronúncias e isso acaba distanciando o falante de sua realidade, ou seja, de sua referência, desvalorizando as demais variedades da língua. Sendo assim, a instituição escolar passa a desconsiderar, pelo menos na área da linguística, as variações culturais e sociais.

Logo, se faz fundamental que o debate sobre heterogeneidade linguística adentre no contexto escolar, a fim de que os professores possam partir do conhecimento prévio do aluno (que, nesse caso, é a linguagem que ele traz do convívio social), para depois se direcionar ao ensino da modalidade formal. Assim, ele deverá adequar a sua linguagem de acordo com as situações de uso. E com isso, saberá que a língua materna sofre variações, e que o seu dialeto faz parte também da língua, contudo, deve ser empregado em situações cabíveis.

3. O ensino de língua portuguesa no contexto escolar atual

Sabe-se que o ensino de língua portuguesa provém de uma tradição pedagógica baseada no tradicionalismo e que está centrada em uma postura corretiva e preconceituosa em relação à língua falada e escrita. Atualmente, isso não ocorre de forma diferente. O que mais se encontra nas escolas são metodologias de ensino de língua que priorizam a forma “correta” de falar e escrever de acordo com a gramática normativa.

Em torno dessa reflexão, o papel do professor em sala de aula é de extrema relevância no ensino de língua portuguesa, uma vez que ele se torna responsável pela formação do senso crítico do aluno em relação às diferentes formas linguísticas. Corroborando essa ideia, Santos e Mesquita (2011) apresentam em sua pesquisa uma proposta em torno da postura que o professor deve ter em relação a esse ensino, e citam Silva (2002) para fundamentar essa ideia:

[...] o professor de gramática terá de deixar de lado a pretensão de determinar como deve ser a língua. Para ampliar o conhecimento linguístico do aluno sem corrobô-lo com preconceitos contra outras variedades nem principalmente, contra a sua própria. (SILVA, 2002 *apud* SANTOS; MESQUITA, 2011, p. 5)

Sabido disso, torna-se necessário um ensino que, além de informar normas e regras, também prioriza um olhar em torno da variação linguística que existe no meio da fala. Para tanto, a escola também exerce um papel fundamental nesse processo de conscientização e ensino adequado dessas variantes de forma que não dê espaço para o preconceito. Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) trazem uma proposta de como deve ocorrer essa prática de ensino:

[...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1997, p. 26)

O ensino de gramática nas escolas ainda provoca várias reflexões em torno de qual a melhor forma de se ensinar e indagações a respeito da sua importância para a vida profissional e pessoal do discente. Em grande parte das escolas, dá-se prioridade ao ensino de língua materna sendo vista como a mais “correta”. Diante do exposto, na concepção de Freitag e Lima (2010, p. 113), “A gramática normativa/tradicional vê a língua como sistema homogêneo”. Fundamenta-se nos estudos gramaticais gregos e no modelo latino e é classicamente definida como “arte de falar e escrever corretamente”.

Com base no exposto, fica nítido, então, o grande desafio para o docente em saber quando e como explorar essa gramática, seja ela tradicional ou a internalizada, a fim de atender a todas as necessidades do aluno em relação ao ensino de língua. Corroborando essa última ideia, os Parâmetros Curriculares Nacionais também trazem uma reflexão em torno do ensino de gramática:

[...] ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano — uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática (BRASIL, 1997, p. 31)

Esse ensino de gramática contextualizada, como defendem os PCN, possibilita que o aluno tenha acesso ao assunto, trazendo-o para a sua realidade. Os textos usados e produzidos por eles devem ser o fator determinante para um ensino mais eficaz a fim de instigar uma leitura crítica, com efeito de sentido.

Logo, observando-se as diferenças linguísticas existentes decorrentes de vários fatores na fala do aluno, é possível perceber essa variação que ele já domina e que encontra desafios de adequação quando leva essa bagagem cultural particular para a escola, visto que no ambiente escolar a gramática normativa aparece como imposição.

4. O professor e as variações linguísticas no contexto escolar

Pelo país possuir um vasto território com toda a população falando um só idioma, é normal que, por causa de influências vindas de contato com outras culturas, haja diferenciações de pronúncias, maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, criando então algumas diferenças, o que se torna um desafio em sala de aula, uma vez que cada aluno vem de um lar diferente, e cada lar tem seu jeito e maneira, acaba sendo um desafio aos professores atingir o seu objetivo no ensino.

Assim, Raquel Salek Fiad (1996) declara que, a propósito do tema da diversidade linguística e da necessidade de aplicá-la no ensino secundário, há “uma certa sensação de que já falamos tanto sobre o tema que é hora de parar de falar e pensar um pouco em que resultou todo esse discurso, que já não é novo”. Num levantamento feito por essa linguista, observa-se que, desde meados da década de 1970, diretrizes expostas em documentos oficiais apontam a necessidade de o ensino de língua portuguesa levar em conta as variedades linguísticas.

Da mesma forma, várias coleções didáticas, em suas introduções, incorporam esse discurso, mas nem sempre o realizam de maneira convincente. Em geral, pode-se observar nesses livros a ideia de que a escola precisa definir um padrão de linguagem no ensino, que deve se pautar pela norma culta, mas sem deixar de levar em conta as variações

trazidas pela variedade social dos alunos, antes encarando-as como opções, variantes aceitáveis e plenamente recomendáveis, desde que consideradas em função da variedade de situações de comunicação.

Desafios em salas de aula surgem todos os dias, no entanto, no mundo atual, faz-se necessária a quebra de padrões de ensino preestabelecidos há tempos, tendo que explorar novos meios para que o aluno tenha familiaridade com a língua e conheça as suas variações, possibilitando que haja um enriquecimento cultural, intelectual. Sendo ao professor, nesse quadro, imprescindível agir como um mediador, para que haja harmonia entre os variados tipos de cultura, além de aproveitar para o enriquecimento do conteúdo, abordando esse aspecto, mostrando e incentivando aos alunos a se conhecerem melhor, agregar algo novo na classe através de conteúdos contemporâneos, com os quais os educandos estão familiarizados, e com isso ter um aprendizado mais eficaz (Callou, 2008).

Logo, limitar as oportunidades dos estudantes na sociedade e impedir seu acesso à variante culta acabaria, também, sendo uma forma de estigmatizá-los. Posto isso, o papel do professor em sala de aula é de extrema relevância no ensino de língua portuguesa, uma vez que ele se torna responsável pela formação do senso crítico do aluno em relação às diferentes formas linguísticas. Com isso, torna-se necessário um ensino o qual, além de ensinar normas e regras, seja também articulado em torno da variação linguística que existe no meio da fala. Para tanto, a escola possui um exemplo e papel fundamental nesse processo de conscientização aos alunos, tornando-os capazes de saber lidar com os acontecimentos do dia a dia, e assim trabalhar essa parte no aluno, trazendo um ensino adequado dessas variantes de forma que não seja dado espaço para o preconceito.

Destarte, é nessa perspectiva que o docente deve atuar como agente transformador e fazer a diferença nesse processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a sua postura e a metodologia aplicada em sala de aula irão refletir, diretamente, no processo de formação dos alunos.

5. *Preconceito linguístico, um tabu que precisa ser libertado*

Considerado como linguagem errada por alguns e defendido como variedades linguísticas por outros, não se pode negar que o país é rico

relacionado ao linguajar, pois raros são os países que possuem uma língua unificada como a nossa por todo o seu território. Tendo em vista isso, considerando os pontos cruciais do indivíduo e seu ambiente, vários pensadores discutem a ideia de certo ou errado quando se fala em pronúncia e escrita, pois há palavras diferentes que possuem um mesmo significado. Sendo assim, as correções se dão apenas na ortografia e dicção. Olhando por um lado otimista, certas palavras diferentes das quais estamos acostumados a ouvir nos obrigam a consultar o dicionário, para que assim descubramos o seu significado.

Ainda hoje, é possível presenciar piadas e discussões a respeito de pronúncias e sotaques diferentes, as quais vêm de maneira ofensiva, a ponto de oprimir e reprimir aqueles que possuem pronúncias diferentes. Tais atitudes podem ser observadas principalmente em nacionalidades diferentes, porém com idiomas semelhantes, como é o caso de Brasil e Portugal. Portugal, até o período de colonização, tinha uma população mais informada, que comandava os empreendimentos escravocratas, logo, tinha acesso à leitura e cultura um pouquinho mais “elevada” em relação aos “sem cultura” da época.

Com isso, criou-se então o mito de que apenas a linguagem deles era a correta, mito que perdura até os dias de hoje em alguns lugares. Os padrões vigentes, calcados na tradição dos clássicos, impostos de cima para baixo aos brasileiros, já não são bem aceitos. A língua é infinitamente variada e os ideais linguísticos do final do século XIX e começo do século XX não podem permanecer os mesmos, no século XXI, uma vez que a sociedade atual se estrutura de modo totalmente diverso e as relações que se estabelecem entre os diversos níveis da pirâmide social são hoje muito mais intensas e profundas, graças aos meios de comunicação de massa.

Em vista dessas mudanças necessárias na forma de ensino, a formação continuada de educadores permite uma atualização, a fim de mudar seu campo de visão em relação aos novos métodos e possibilidades de melhorar as formas de ensino perante aos métodos tradicionais que já conhecemos ou passamos. Segundo Callou, o ensino de língua portuguesa continua sendo baseado nos ditames da gramática tradicional, na insistência em inculcar uma norma abstrata, cristalizada, cada vez mais afastada da realidade linguística de grande parcela da população.

Sendo assim, esses pontos de preconceitos e discriminação supracitados, demonstram trechos de ignorância por parte de indivíduos que a praticam, explicitando uma grande defasagem, pois não possuem a capacidade de entender algumas das variadas formas de linguajar linguístico, causando desrespeito e constrangimento, refletindo diretamente as formas de educação recebidas.

6. Considerações finais

A partir das pesquisas realizadas, pode-se concluir que a linguagem e sociedade não se separam, visto que a espécie humana habita em um mundo no qual as pessoas se organizam em comunidades e que existe uma única forma de comunicação oral para todos: a língua. Tornando-se necessário um ensino em que, além de informar normas e regras, seja também priorizado um olhar em torno da variação linguística que existe no meio da fala.

Portanto, ao observar as diferenças linguagens existentes, decorrentes de vários fatores na fala do aluno, é possível perceber a existência de domínio (bagagem cultural), no qual ele carrega consigo e que essa variação que ele já domina, e encontrará desafios de adequação quando levado à escola, visto que, no ambiente escolar, a gramática normativa aparece como imposição. E é nessa perspectiva que o docente deve atuar como agente transformador e fazer a diferença nesse processo de ensino–aprendizagem, uma vez que a sua postura e a metodologia aplicada em sala de aula irão refletir, diretamente, no processo de formação dos alunos.

Logo, há muitos pontos de preconceitos e discriminação, o que demonstra uma ignorância por parte de indivíduos que praticam tais atos, explicitando uma grande defasagem, pois não possuem a capacidade de entender algumas das variadas formas de linguajar, causando desrespeito e constrangimento, refletindo diretamente as formas de educação recebidas. Com isso, é possível afirmar que a escola não reconhece por completo a realidade heterogênea da língua e ainda se atenta apenas à propagação da língua cultivada pela tradição gramatical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *A língua e a identidade cultural de um povo*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Língua e cidadania: repercussões para o ensino*. São Paulo: Parábola, 2009.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. V. 1. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 23-50.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Heterogeneidade lingüística e o ensino da língua: o paradoxo da escola*. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias). Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2000.

CALLOU, D.; LOPES, C. R. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: A questão da variação e mudanças linguísticas. *Revista do GELNE*, v. 5, n. 1/2, p. 63-74. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9435>.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 1. Reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

FIAD, Raquel Salek. Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. *Revista do Gel*. Campinas, 2017.

LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SANTOS SOBRINHA, Cecília Souza; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula?. *Anagrama*, [s.l.], v. 4, n. 4, p. 1-10, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35537>.